

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO FLUXO MIGRATÓRIO DE BRASILEIROS DE GOVERNADOR VALADARES PARA PORTUGAL¹

Igor José de Renó Machado²

igor@power.br

Alexandra C. Gomes Almeida³

Ellem Saraiva Reis⁴

UFSCAR

RESUMO

O trabalho expõe algumas dinâmicas da experiência de imigrantes brasileiros em Portugal, oriundos de Governador Valadares, cidade brasileira do estado de Minas Gerais, a partir de relatos de familiares e ex-imigrantes coletados in loco. Esses relatos demonstram processos de “invisibilização” social por parte dos imigrantes, que evitam serem reconhecidos publicamente. Identificamos também uma divisão entre imigrantes que consomem bens considerados supérfluos e aqueles que se dedicam exclusivamente a acumular recursos, evitando gastos com lazer, por exemplo. Entre os Valadarenses podemos perceber uma desvalorização moral em relação ao consumo supérfluo dos imigrantes, pois ele equivaleria a uma desvalorização da própria família.

ABSTRACT

The paper analyses Brazilian immigrants' experiences in Portugal. These immigrants came from Governador Valadares, a Brazilian city located in the state of Minas Gerais. The research demonstrates the existence of processes of “social hiddenness” on the part of the immigrants, who avoid being recognized in public. We also identify a division between immigrants who consume goods considered superfluous and those who focus exclusively on the accumulation of resources, avoiding expenses with leisure, for example. The Valadarenses devalue morally the immigrants' consumption they consider superfluous, associating this kind of consumption to a depreciation of the family.

.....
¹ Agradecemos ao CNPq pelo financiamento à pesquisa.

² Professor do Depto. de Ciências Sociais da UFSCar (Brasil). Coordenador do LEM (Laboratório de Estudos Migratórios)

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFSCar, pesquisadora do LEM.

⁴ Graduada em Ciências Sociais, UFSCar, Pesquisadora do LEM.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas do século XX, o Brasil foi marcado pela significativa emigração de parte de seus cidadãos. Os principais destinos de emigrantes internacionais brasileiros são os EUA (Martes e Fleischer 2003), Japão (Kawamura 2003) e Paraguai (Sprandel 2006), concentrando 67% da migração internacional brasileira. Após esses países, as nações europeias atraem cerca de 25% dessa movimentação.⁵ Portugal aparece como 5º destino preferencial dos brasileiros, com cerca de 5% dos imigrantes. Apresenta ainda a peculiaridade de ser, junto com o Paraguai, o país onde o conjunto de brasileiros é mais expressivo em relação ao demais imigrantes.

TAB. 1. PRINCIPAIS DESTINOS DE IMIGRANTES BRASILEIROS⁶

PAÍS	MAIOR ESTIMATIVA	MENOR ESTIMATIVA	ESTIMATIVA POSTO	(% TOTAL)
Estados Unidos	1.490.000	843.505	1.240.000	40,73
Paraguai	515.517	204.890	487.517	16,01
Japão	310.751	310.000	310.000	10,18
Reino Unido	300.000	150.000	150.000	4,93
Portugal	160.000	69.518	147.500	4,84

Fonte: DAC/MRE

Dentro do conjunto de estudos sobre a imigração internacional brasileira, pouco se sabe sobre a saída de brasileiros para Portugal, em relação ao que se sabe sobre os fluxos de brasileiros para os EUA, Paraguai e Japão. O volume de informação produzida na academia brasileira sobre brasileiros no Japão e EUA, por exemplo, é muito superior ao que se apresenta sobre brasileiros em Portugal. Já a academia portuguesa vem tratando de resolver esse problema em relação à presença de brasileiros em Portugal, embora ainda pouco se produza sobre os lugares de emissão dos emigrantes no Brasil. Esse artigo pretende contribuir para o esclarecimento desse movimento a partir de um lugar conhecido no Brasil por ser emissor de emigrantes para os EUA, a cidade de Governador Valadares. A pesquisa foi conduzida na cidade de Governador Valadares, com familiares de imigrantes em Portugal, com ex-imigrantes retornados e como imigrantes em viagens de férias. Foram feitas mais de 50 entrevistas em cinco missões de investigação com cerca de um mês de duração cada, entre 2004 e 2008. Usou-se o método da “bola de neve”⁷, constituindo uma amostragem essencialmente qualitativa.

.....
⁵ Marinucci (2008) apresenta esses dados, conforme tabela abaixo.

⁶ Dados em Marinucci (2008). Estimativa com base em dados repassados pelo MRE (Ministério de Relações Exteriores do Brasil) em 2008. “Estimativa do posto” se refere aos números estimados pelos postos consulares brasileiros no Exterior.

⁷ O método de “bola de neve” é uma técnica de pesquisa qualitativa, pela qual o conjunto de informantes é indicado por um, dois ou poucos informantes iniciais. Ou seja, é um mapeamento de poucas redes sociais,

Este trabalho retrata especificamente o fluxo imigratório de Governador Valadares (localizada no interior do Estado de Minas Gerais), que além da corrente emigratória para o Estados Unidos, nos últimos anos vem apresentando uma nova direção, Portugal. O estudo da cidade de Governador Valadares é relevante, pois, atualmente, é um dos maiores centros brasileiros de expulsão de mão-de-obra, em especial, para os Estados Unidos (Soares 2002, Scudeler 1999, Assis 1999). Para além do destino norte-americano, demonstramos a emergência de Portugal como destino importante (Machado e Reis 2007). Se a relevância de Governador Valadares é conhecida de um ponto de vista brasileiro, do ponto de vista português alguns indícios indicam que ela é relevante: o trabalho conduzido em 2003 pela Casa do Brasil de Lisboa (CBL 2007), posteriormente publicado em Malheiros (2007), indica que 31% dos brasileiros entre 15 e 64 anos que habitavam os distritos de Lisboa e Setúbal eram oriundos de Minas Gerais. Rossi (2007), em pesquisa sobre remessas, com uma amostragem de caráter nacional, indicava que Minas Gerais era em 2004 o estado brasileiro que mais produzia imigrantes em Portugal, com 30,8%, número muito próximo da amostragem da CBL. Pressupõe-se aqui, por conta do volume de imigrantes que a região de Valadares produz entre os imigrantes mineiros (ver Soares 2002:86-92), que uma parte considerável desses migrantes é da região de Valadares. Essa pressuposição é também amparada no trabalho de Oliveira (2006) e Techio (2006). Oliveira (2006), a partir de sua experiência etnográfica na Costa da Caparica, indica que grande parte dos brasileiros provinha da região de Valadares. Também o trabalho de Techio (2006), baseado em etnografia na Costa da Caparica, aponta para a importância de Valadares como região de significativa emissão de migrantes.

GOVERNADOR VALADARES

Antes de adentrar nos aspectos atuais fluxos de imigrantes valadarenses, é necessário fazer uma breve contextualização histórica da cidade para compreender minimamente a relação com o fenômeno imigratório. Na década de 1950, a região valadarenses apresentava uma economia no setor de extrativismo mineral e vegetal, porém no fim dos anos 1960, a decadência do setor teve como causa a dificuldade do mercado de exportação e esgotamento das reservas, o que começou a revelar a fragilidade da econômica e a falta de iniciativa política para melhoria da região.

Já na década de 1970, expandiu-se o desenvolvimento da pecuária de corte e de leite como o setor de maior atividade e produção econômica da região, mas esta expansão mostrou a incapacidade da economia local na inclusão da mão-de-obra desvinculada do setor pecuário. Além disso havia o problema no setor terciário, que

através das quais os dados são coletados até o ponto de "saturação", quando novas informações não são mais adquiridas. Cf. Bernard 2005.

já se encontrava saturado pela demanda regional, fato que ocorreu porque houve um alto contingente de migração interna brasileira para a região. E para completar os problemas econômicos da região, eles se agravaram quando houve a recessão e estagnação do país no período dos anos 1980 (Soares, 1999). Desde então, a cidade passou a ser um dos maiores centros brasileiros de expulsão de mão-de-obra.

De acordo com Fusco (2001), em 1997, 85% dos emigrantes valadarenses tinham como destino os Estados Unidos enquanto apenas a ínfima parcela de 2,7% deles escolhia Portugal. Segundo o delegado da Polícia Federal de Governador Valadares Rui Antônio da Silva, as porcentagens atuais dos destinos dos projetos migratórios valadarenses são: 50% para solo estadunidense e a expressiva marca de 40% dos emigrantes tendo como destino Portugal. Além disso, estudos acadêmicos já apresentados também demonstraram as mudanças de parte do fluxo migratório de valadarenses para Portugal. (Machado, 2005; CBL 2007; Peixoto & Figueiredo, 2006).

Atualmente, podemos perceber, a partir dos cinquenta relatos obtidos em entrevistas com emigrantes retornados e familiares de emigrantes, que a emigração passou a ser corriqueira e valorizada na cidade. Desenvolveu-se ali uma sólida estrutura social e funcional que possibilita a migração internacional. Esta estrutura facilita a locomoção das pessoas entre fronteiras por meios lícitos e ilícitos, a partir de dicas sobre migração obtidas nas agências de viagens até a ajuda de coíotes e atravessadores, além da maior facilidade na obtenção de dinheiro para a viagem por meio de empréstimos bancários ou por meio de agiotas e o acesso a vistos falsos.

Esta migração tem como intuito principalmente a busca por salários que permitam melhores condições de vida na cidade, bem como a compra de bens duráveis, em especial a casa própria, um carro e/ou o pagamento de dívidas. A conquista da casa própria tem uma dimensão importante e central na vida destas pessoas. O desejo em obtê-la deve ser entendido não apenas como a busca pela compra de um bem devido ao seu valor material ou pelo prestígio conferido a quem o possui em decorrência do seu valor econômico. A aquisição da casa material, local de reprodução das relações sociais, deve ser compreendida como a busca do casal por sua autonomia frente ao núcleo residencial de origem e, portanto, autonomia na organização da própria vida enquanto novo núcleo familiar (Machado, 2006).

A CHEGADA E O TRABALHO

Emigrantes valadarenses têm como ocupação no mercado de trabalho português empregos que necessitam de menor qualificação, inserindo-se, principalmente, em setores da construção civil como servente de pedreiro, pedreiro e, em alguns casos, como encarregados de obras. Mulheres valadarenses ocupam cargos rela-

cionados aos trabalhos de limpeza de residências e como acompanhante de idosos ou como babás.

No início deste fluxo migratório, estes valadarenses em geral emigravam sem conhecer ninguém em solo português. Assim, viajavam sozinhos ou, no máximo, acompanhados de um amigo. Atualmente, devido ao grande contingente de brasileiros neste país, as histórias estão ligadas a ajuda de conhecidos ou parentes, os quais recepcionam os recém chegados e, em alguns casos, também os indicam para algum emprego.

Eu morei com a minha cunhada, ela me explicou como fazia para arrumar serviço. Eu trabalhei no lar de idosos, trabalhei numa casa também cuidando de um casal de idosos e trabalhei num restaurante (Reg,07 de julho de 2007).

Em geral, é na casa de amigos, ou familiares que os novos imigrantes permanecem até que se estabilizem no país. No entanto, esta ajuda não dura muito e constantes foram os relatos de que o auxílio é apenas por poucos dias, tempo para que o imigrante consiga um emprego e arrume um local para morar.

Ele (sobrinho) ajudou a ajeitar a casa para gente! E lá moramos eu, minha sobrinha, meu sobrinho e mais um casal, então seis pessoas, isso seis pessoas! E ficamos naquela casa, ele pagou a primeira renda do primeiro mês, e depois fui procurar emprego. Daí eu achei emprego em restaurante, trabalhei em restaurante lá, lá se fala café. Aí eu fiz faxina, cuidei de idosos, o meu último emprego foi cuidar de idosos (Riv, 12 de julho).

Embora haja a necessidade de muitas pessoas habitarem uma mesma residência devido ao alto custo de vida no país, nem sempre os imigrantes pertencentes a uma mesma família moram juntos ou têm algum contato. A co-habitação entre parentes é, em alguns casos, dificultada pela mobilidade necessária para obtenção de emprego. Muitos trabalhadores, em busca de serviços, mudam de cidade, morando, inclusive, nos próprios locais de obras, em alojamentos sem nenhuma estrutura: em barracos feitos de madeira, sem sistemas de calefação, dividindo espaço com os materiais de construção.

Nós moramos, meu primeiro mês, 18 pessoas numa casa de três cômodos. Logo em seguida, eu procurei mudar. Nós dividimos (...) Quatro pessoas em cada casa de quatro cômodos: sala, cozinha e dois quartos com banheiro (...) eu fiquei mais ou menos um mês só. Até localizar uma casa boa num local próxima ao trabalho pra gente poder dividir e ir pra lá (Ro, 23 jan. 2006)⁸.

.....
⁸ Os relatos de emigrantes retornados e de seus familiares serão citados apenas por meio das iniciais dos entrevistados, buscando resguardar o anonimato dos indivíduos. Todas as entrevistas foram realizadas entre os anos de 2005 e 2007.

Entrevistador: A maior parte dos brasileiros sempre divide casa?

Resposta: Quem vai pra lá com intenção de ter alguma coisa aqui, sim. Quem vai pra viver, não: quem não tem que juntar dinheiro, nem mandar dinheiro (Ma, 26 jan. 2006).

A maior facilidade devido à semelhança do idioma, contrapondo-se à imigração em solo estadunidense, possibilita aos novos imigrantes uma maior independência dos parentes imigrados há mais tempo, permitindo que formem, quando possível, novos vínculos tanto com brasileiros quanto com portugueses. Desta forma, podemos inferir que o apoio familiar em Portugal é essencial somente na chegada ao país, tornando-se apenas complemento do contato deixado no Brasil e dispensável ao longo dos meses de imigração.

Num segundo momento, após estarem instalados, os imigrantes começam a procura por serviços e, embora a maioria dos relatos tenha indicado que não havia garantia de emprego antes da imigração, eles enfatizavam, naquele momento, a facilidade de empregabilidade naquele país.

“Eu cheguei lá no sábado, não... no Domingo e comecei a trabalhar na Segunda” (Ma, 19/07/2005)

“Ele chegou, ficou só três dias parado e já começou a trabalhar” (El, 27/07/2005).

Além disso, quando estes imigrantes têm a intenção de permanecer no país, procuram morar com poucas pessoas ou sozinhos, evitando uma maior concentração de estrangeiros num mesmo espaço, buscando discrição para dificultar possíveis problemas com os vizinhos ou patrões portugueses. Busca-se criar, por meio do resguardo, uma imagem de seriedade e um ambiente de moralidade frente aos portugueses, tendo em vista a imagem atual da imigração e dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Nota-se que uma das maiores dificuldades da imigração, após as complicadas relações trabalhistas, está relacionada às relações sociais em território português. Tais dificuldades não se tornam um empecilho para a continuidade do fluxo migratório, mas são vistas como experiências de difícil enfrentamento devido à discriminação e à exploração do trabalhador, principalmente quando em condições de não-documentados. Dentro de um universo descrito como de preconceito racial e de discriminação, o estereótipo da brasileira/imigrante ligado à prostituição e a imagem do brasileiro/imigrante como “problema” são fundamentais para entendermos o comportamento adotado por estes imigrantes a fim de evitarem ser estigmatizados.

No caso feminino, as imigrantes são constantemente associadas à prostituição devido à imagem da brasileira como sensual, provocando grande dificuldade de relacionamentos conjugais estáveis entre portugueses e brasileiras em solo português

(Machado 2003, Piscitelli 2008). Além disso, algumas portuguesas consideram a presença das brasileiras uma ameaça para a vida conjugal lusitana, dificultando as amizades entre mulheres brasileiras e portuguesas (Pontes 2006).

Na imigração masculina, por sua vez, os imigrantes brasileiros têm a imagem de arruaceiros, bagunceiros e são associados, até por outros brasileiros, aos atos criminosos que ocorrem nas cidades portuguesas (Oliveira 2006).

A gente vê que a maioria das mulheres brasileiras e de outros países também que estão lá migrando tem este preconceito: eles acham que as mulheres estão indo pra prostituir. Não acham que elas vão pra lá pra trabalhar dignamente. Por exemplo: a esposa deste colega meu, a prima dele, a irmã da esposa dele, todas elas trabalhavam em casa de família em umas cinco, seis casas por dia. Então... Mas... É porque uma minoria que foi em busca de vida fácil lá acabou atrapalhando esta grande maioria que vai na boa, entendeu? Vai tentar trabalhar mesmo honestamente, ganhar o seu dinheiro (Ga, 14 fev. 2006).

Nós fomos pra lá para trabalhar onde eles não gostavam de trabalhar. E a discriminação que temos de brasileiros lá, não sei se em quase todos os países tem, lá tem assim: no Brasil esteja passando fome, tem que tomar cuidado é brasileiro; está passando fome é ladrão. Só isso. Infelizmente, eles têm isso de nós (Ro, 23 jan. 2006).

Quando acontece de ouvir falar em alguma coisa mais... em assassinato ou roubo, pode saber que é o brasileiro. É muito difícil ser um angolano e, sobre português, você nem vê comentário. Eu fiquei lá por três meses e, neste período, reportagens e o jornal não falaram nada sobre português; quando saía alguma coisa feia, ou era brasileiro e muito raramente era um ucraniano ou um angolano – que lá tem muito. (Lê/Jô, 21 jul. 2005).

INVISIBILIDADE SOCIAL

Os novos imigrantes brasileiros, que se inserem no ramo da construção civil ou em trabalhos menos qualificados, não recorrem aos estereótipos de brasilidade, como a alegria e a simpatia ao buscarem um trabalho (Machado, 2003). Diferente dos brasileiros que ocupavam cargos voltados à restauração e comércio, esses imigrantes evitam se aproximar de imagens que sejam sinônimos de “brasilidade”. Eles procuram ter comportamentos que sejam considerados os mais próximos dos moldes portugueses, buscando se adaptar ao modo de vida em Portugal. No “discurso nativo” pretendem parecer mais comedidos, mais resguardados. Buscam certa “invisibilidade social” enquanto grupo nacional (ou étnico), evitando ser considerados arruaceiros e, portanto, hostilizados e inferiorizados.

Conheci mulheres dentro de Portugal – brasileiras – que trabalham até hoje, como minha cunhada faz, normalmente e é tratada como uma pessoa normal dentro de Portugal, como uma pessoa de bem, como uma portuguesa, como uma pessoa comum. E conheci pessoas que são tratadas de maneiras diferentes... Diferentes por quê? O ambiente que ela trabalha, a maneira que ela se comporta... Português é um povo que não gosta de gente muito escandalosa... Entendeu? (Ad, 10 fev. 2006).

Os processos de conflitos sociais entre portugueses e brasileiros têm sido apontados pela bibliografia. Machado (2003) aponta para uma série de estereótipos cruzados que são colocados em ação no encontro entre imigrantes brasileiros e portugueses. Torresan (2006), Padilla (2006), por exemplo, indicam também as tensões entre imigrantes brasileiros e cidadãos portugueses, a partir de posições distintas. Padilla indica as dificuldades e problemas que surgem por conta da discriminação que sofrem no trabalho, na escola, na resolução de problemas cotidianos, enquanto Torresan demonstra a discriminação na esfera da vida afetiva, a dificuldade em constituir amizades e relacionamentos amorosos.

Para além dessas dificuldades enfrentadas coletivamente pela população brasileira, vemos que há também uma clivagem entre aqueles que têm estatuto legal ou não. A dimensão de problemas é diferente e as conseqüências da discriminação são também distintas em relação a essa clivagem. Assim, veremos como os brasileiros imigrantes que não possuem documentação de trabalho ou de permanência e aqueles que as têm são tratados e se comportam no âmbito do trabalho e em suas relações com os portugueses.

Os imigrantes não-documentados, por exemplo, encontram-se inseridos no mercado de trabalho informal, em condições de extrema vulnerabilidade. Devido à situação migratória não regulamentada, estão expostos a péssimas condições de trabalho, à exploração por parte dos empregadores, sem contratos de trabalho e impossibilitados de acesso à justiça do trabalho portuguesa. O dia-a-dia é permeado pelas ameaças de denúncias ao SEF devido à situação de irregularidade do imigrante. Violência simbólica utilizada por pessoas comuns, mas também por patrões a fim de evitar denúncias de exploração no Ministério do Trabalho.

Lá a exploração é muito grande: às vezes, ele chega a trabalhar treze horas por dia e não ganha hora extra. (...) Então, têm vezes que ele trabalha treze horas, mas não recebe horas extras, ganha simplesmente o seco – €30 por dia. Fez hora extra, não paga a mais (...) Têm brasileiros que trabalham para os portugueses e não recebem e eles dizem: 'Leva para a justiça. Se você levar, vai ganhar como? Você é um forasteiro!' (Jo, 20/07/2005).

Eles falam que é tão ruim, que é tanta solidão, que é do serviço em casa, que não tem tempo pra nada... Não tempo pra ir... Igual aqui: você trabalha, mas você tira um

dia, você tem tempo pra ir à casa de um amigo, de um parente visitar. E, lá, não. Lá, não existe isso. Lá, todo mundo... Cada qual do seu serviço pra casa, ninguém tem de estar indo na casa de ninguém... Não tem tempo não é! Porque eles trabalham em dobro (Ir., 12/02/2006).

Quem tem o visto de trabalho, tem um bom emprego; quem não tem, vai trabalhar para outras firmas clandestinas dentro de Portugal com angolano, africano, cabo-verdiano. Com estes, você corre o risco de trabalhar e não receber no final do mês (Ro, 23/01/2006).

Quem vai pra lá que não tem o visto de trabalho fica mais difícil porque, quando eu estava lá, a Imigração ia ao setor de trabalho e, as pessoas que não tinham o visto de trabalho, eram pegadas e mandadas embora. Eles não aceitavam. Então, estes aí tinham que trabalhar clandestino. Então, é muito difícil trabalhar lá desta forma. E pra trabalhar clandestino, você tem que trabalhar com firma que não é de Portugal e esses pagavam você um mês bem, mas também chegaria mês que não te pagava nada (Ro, 23/01/2006).

Além disso, de acordo com os relatos, os imigrantes que não têm a autorização de residência afirmam a necessidade de conquista da "confiança" dos empregadores para permanecerem no emprego. Esta "confiança" é obtida por meio da aceitação da documentação e do universo simbólico e moral da sociedade portuguesa (Machado, 2004). Com isto, ao encontrar um emprego, este imigrante brasileiro acaba aceitando todas as exigências do patrão, não questionando as condições de trabalho nem o salário.

É difícil. São muito ignorantes. Eles não sabem chegar: "Ah, você fez isso assim errado". Eles já chegam te xingando, te humilhando, te pondo no chão. Aí, se você ficar calada, eles montam. No início, eu vivia chorando, chorando, chorando e tomando remédio, que era o remédio que eu tomava pra depressão e outro pra nervoso (Ma, 26 jan. 2006).

Ele fala que de início os portugueses são muito brutos. Mas muitas coisas precisam ser relevadas, pois se precisa trabalhar né! Tem que tolerar muita coisa dos portugueses! Os portugueses são muito estúpidos (Joa, 27 jan. 2006)

Afastando-se dos estereótipos de "brasilidade" e sujeitando-se a qualquer exigência do empregador português, estes trabalhadores buscam sua "invisibilidade social", objetivando a manutenção do emprego e a garantia de continuidade do "sucesso financeiro" da imigração. No entanto, apesar da insegurança do trabalho não legalizado, os valadarenses enxergam vantagens no mercado de trabalho português. Há o compartilhamento da idéia de que Portugal é melhor, existe "cidadania" (respeito às leis de uma forma geral, não apenas as trabalhistas) e melhor remuneração mesmo para os trabalhos de baixa qualificação profissional. Apesar dos valadarenses aceitarem tais condições de trabalho e inserção social por meio da invisibilidade do mercado de trabalho

não se deve desconsiderar o sofrimento do imigrante durante a busca da “invisibilidade” para se manter aceito na sociedade lusitana. Os novos imigrantes valadarenses que se inserem no ramo da construção civil ou em trabalhos menos qualificados, por exemplo, não recorrem aos estereótipos de brasilidade, como a alegria e a simpatia ao buscarem um trabalho (Machado, 2003), ao contrário, evitam os sinônimos com a nacionalidade brasileira. Eles procuram terem o mesmo comportamento que um português, tendo a necessidade de efetuar seu trabalho sem uma “visibilidade”

Colocarem-se em situações de vulnerabilidade, possibilita, do ponto de vista de imigrantes e seus familiares, benefícios devido às melhores remunerações se comparadas aos salários obtidos no Brasil. Mesmo levando em conta as dificuldades de aceitação social e de uma subordinação intensa destes imigrantes ao empregador em solo português além da necessidade de adequação aos padrões da hierarquia de alteridades portuguesas (Machado 2003).

Os trabalhadores legalizados, por sua vez, não estão sujeitos aos riscos de deportação e obtêm empregos nos quais não estão tão sujeitos aos calotes, nem à exploração no trabalho. Com estatuto regularizado, estes imigrantes obtêm uma condição de vida mais estável, com emprego fixo, além de terem a possibilidade de deslocar a família brasileira para residir em Portugal. Essa situação permite a estes trabalhadores condições favoráveis à execução de um projeto migratório de “sucesso”. No entanto, apesar de terem melhores oportunidades durante o projeto migratório, estes trabalhadores também enfrentam problemas em suas relações com os portugueses. Desta forma, buscam, igualmente aos não-documentados, certa “invisibilidade social” a fim de evitar problemas que estejam relacionados aos valores sociais e simbólicos portugueses. Desta maneira, este grupo de imigrantes procura uma inserção mais discreta na sociedade e no mercado de trabalho português.

Apesar das semelhanças da língua e a ligação com o passado histórico colonial, os brasileiros sabem das diferenças culturais e apontam o comportamento, o “gênio” diferente dos portugueses e a forma de tratar os trabalhadores como uma prática normal e, portanto, uma forma aceitável de explicar a exploração dos lusitanos sobre os imigrantes. Acreditam que, por serem nações diferentes, seria normal haver um choque cultural e a não aceitação pelo português da imigração em território luso.

CONSUMO E PROJETO DE VIDA

A aceitação do processo de exploração dos portugueses sobre os brasileiros ocorre, pois, a partir das diversas experiências migratórias. Definiu-se, ao longo dos anos, um consenso para os valadarenses de que a migração não é uma experiência agradável, nem fácil. Desta forma, os discursos destes imigrantes marcam uma retórica

na qual eles reconhecem que precisam “enfrentar” – não significando questionar – o choque cultural decorrente do contato com a comunidade portuguesa em busca do “sucesso financeiro”. Este problema deve ser superado por aqueles que almejam o sucesso no projeto migratório, aceitando a diferença cultural e submetendo-se àquilo que consideram valores e comportamentos portugueses.

O português é muito exigente, mas ele é muito gentil. Então, questão de cultura. Então, você vai pra um país diferente e você quer ultrapassar a cultura por pouco que você não é nada lá dentro, não significa nada pra eles, aí você passa a ser uma pessoa... Como se diz? É... uma má. Passa a ser visto como uma pessoa má. Então, você sair do país igual o nosso que você tem liberdade, que tem um clima ótimo ... o nosso país é muito caloroso. E você chegar lá fora e achar que você está dentro da sua casa... Entendeu? Você vai quebrar a cara. Não pode ser assim. Você vai pra um país diferente, cultura diferente, fala diferente, ouve dialetos diferentes o que você tem que fazer? Você tem procurar assimilar a cultura da melhor maneira possível, a maneira de viver, (...) e passar a viver da maneira deles. Certo? Lógico que não esquecendo da sua origem, do seu passado porque você tem que valorizar isso. Mas, neste meio tempo que você está fora, você tem que valorizar muito mais a cultura da casa onde você está morando no momento. Esse é o problema (Ad, 10/02/2006).

Os portugueses... Os brasileiros reclamam que eles são muito ignorantes, mas não é; é a natureza deles, eles são muito francos. Eles não são iguais a nós que, se tiver que falar alguma coisa com você, tem que esperar alguém sair e depois também tem que ficar dando volta para te falar, não. Eles são curtos e grossos: se tiver que falar, eles falam no meio de qualquer um, do jeito que tiver que falar, eles falam. Eles não dão volta para falar, eles são francos demais e nós somos mais recuados (Lê/Jô, 21 jul. 2005).

Ah, ele falou que é a diferença mesmo... É que o pessoal lá, eles não aceitam muito, não. Mas... Só que se você está totalmente legal, eles não têm muita restrição, não. Entendeu? Mas, se a pessoa é ilegal, eles dão uma explorada legal... Mas é normal, todo lugar... Menos no Brasil que não tem isso, né? (risos) Quando você sai de um país pro outro, sempre eles exploram de vocês, né? Então, isso é normal (Ke, 01 fev. 2006).

Assim, os valadarenses enfatizam que o êxito migratório está diretamente ligado ao enfoque dado pelo imigrante ao trabalho. Manter uma vida social fora da esfera do trabalho, com participação em festas e encontros em bares é se colocar numa situação de possíveis problemas com os portugueses, além de atrasar a finalização do projeto imigratório e o retorno à Governador Valadares. Neste contexto, percebemos também que os próprios imigrantes valadarenses classificam a si e aos outros imigrantes brasileiros em dois grupos de trabalhadores: aqueles que vão para acumular dinheiro e retornar ao Brasil e os que, apesar de visarem à acumulação monetária, buscam também – como eles próprios denominam – “viver Portugal”, aproveitando os dias de folga para passearem e conhecer o país.

No primeiro caso, esses imigrantes consideram-se reservados e responsáveis pois, por não aproveitarem a estadia em território português, não gastam suas economias em coisas vistas como supérfluas. O salário é usado apenas em necessidades mais básicas e a maior parte da remuneração é enviada para a família em solo brasileiro. Para uma maior acumulação monetária, estes brasileiros se submetem à dupla jornada de trabalho e às explorações dos patrões portugueses ou mesmos brasileiros. Estes imigrantes explicam que o esforço deve ser visto como necessário, tendo em vista os objetivos da migração. Eles afirmam que para conseguir retornar rapidamente a cidade natal é preciso se submeter à situação de um imigrante não-documentado, sem reclamações quanto às condições de vida e de exploração e sem gozarem da vida em Portugal, considerada uma vida com mais qualidade. Para eles, não é adequado ou justo aproveitar a vida em solo europeu enquanto a família passa por dificuldades econômicas no Brasil.

A reunião entre brasileiros em festas e churrascos não é considerada um gasto sem sentido apenas quando o intuito é o reencontro em finais de semana ou feriados com parentes que também imigraram em Portugal, com amigos/novos imigrantes que trazem notícias de familiares que permanecem em solo brasileiro, ou com amigos/imigrantes que possuem maior contato com outros familiares também imigrantes em território português.

Os imigrantes do segundo grupo, por sua vez, apesar de também acumularem divisas e enviarem para os familiares em solo brasileiro, utilizam uma parte do salário em solo português em um estilo de consumo considerado melhor e, portanto, mais caro. Por este motivo, a estadia de muitos deles se prolonga e, desta forma, são considerados pelo primeiro grupo como esbanjadores de dinheiro. Julgados a partir da ética do trabalho, estes imigrantes são vistos como sem sucesso pelo primeiro grupo, como imigrantes que não sabem aproveitar a oportunidade de trabalho no exterior e de melhores salários. Em contrapartida, os imigrantes do primeiro grupo são, em alguns momentos, considerados “miseráveis” pelos trabalhadores do segundo grupo.

Em contraposição a isto, o conceito desenvolvido sobre o Brasil por parte destes (e) imigrantes é negativo. Eles afirmam que as cidades, as pessoas e o governo apresentam relações sociais e institucionais desorganizadas – constantemente eles citam os casos de corrupção do governo brasileiro, e que existiria pouco respeito com os trabalhadores no Brasil, que não há perspectiva de vida e que o país é atrasado econômica e politicamente.

Assim, tal situação nos permite analisar que, embora ocorra uma dificuldade na aceitabilidade e a subalternidade destes imigrantes no mercado de trabalho português junto à necessidade de adequação aos padrões da hierarquia de alteridades portuguesas (Machado 2004), esta condição de trabalho não documentado continua, segundo os relatos, trazendo melhores benefícios e compensando as desvantagens da imigração.

A questão não é que vale a pena. Nós é que temos que fazer valer a pena. Certo? Nós é que temos que tentar fazer valer a pena. Não vale a pena nunca você abandonar uma família, os seus familiares. Nunca vai valer a pena. Então, nós temos que tentar o mínimo... o mínimo possível tentar fazer com que valha a pena. Você tem que conseguir um retorno qualquer... Por aí." (Ad, 10/02/2006).

Pra quem gosta de trabalhar, vale. Pra quem não tem preguiça. Se escolher também, não tem como. (...) Por mim, eu ficaria lá, mas meu marido que não quer. Eu gosto de lá, eu não gosto daqui, não. Isso aqui não está com nada, não. A gente trabalha, trabalha e não tem nada (Ma, 23/01/)⁹.

Ah, final de semana à noite, eles se juntam e vai todo mundo farrear. Os solteiros! Os casados vão pra casa! Porque, se você for tomar cerveja lá, saindo á noite assim, você não junta dinheiro nem pra vir embora. Eu tenho colegas que estão lá que não têm dinheiro para vir embora. O que fazer é pra gastar lá" (Cl, 24/01/2006)¹⁰.

Ele é uma pessoa muito econômica – não bebe, só fuma – e os amigos dele de lá gostam muito de viver Portugal e ele não vive Portugal (...) Ele contava para mim por telefone assim... que eles [outros brasileiros] tinham meu marido como miserável, pois sexta, sábado e domingo eles não faziam comida e meu marido fazia. Ele não ia lanchar, não almoçava fora e eles falavam: "Você é muito miserável Ziba, deixa de ser bobo, você tem que se alimentar". E, então, ele dizia: "Eu estou me alimentando, já comi minha carninha, meu feijãozinho, meu arrozinho, eu não vou". Então, ele não ia para os Cafés (Joe, 20 jul. 2005).

O sucesso do projeto migratório é aceito pelos valadarenses quando estes se dedicam exclusivamente ao trabalho. Aqueles que mantêm uma vida social para além deste âmbito, usufruindo o dinheiro em consumo visto como supérfluo não são aceitos pelos outros migrantes brasileiros, nem pelos portugueses. Pois, de acordo com o ideário criado em Governador Valadares, o emigrante ao sair de seu país objetiva conseguir melhor condição salarial que possibilite uma melhor qualidade de vida, não apenas para si, mas para toda a família. Deste modo, notamos como a vida do imigrante é determinada socialmente pela dedicação exclusiva ao trabalho. Em outras palavras, a condição de imigrante – vista pela esfera da moralidade – "obriga" o indivíduo se dedicar ao trabalho, tendo como finalidade o envio de remessas de dinheiro para os familiares no Brasil.

.....
⁹ Esta entrevista refere-se a uma imigrante que está de passagem em Governador Valadares para resolver a questão da custódia dos filhos. Na transcrição presente ela faz referência a Portugal e do seu desejo em mudar toda a família para lá, mas seu marido ainda deseja retornar para a cidade mineira.

¹⁰ Esta entrevista, também, é referente a um imigrante retornado de Portugal

CONCLUSÃO

Esse artigo faz parte de uma série de trabalhos sobre a migração de valadarenses para Portugal que temos publicado desde 2005.¹¹ Num primeiro texto mais especulativo (Machado 2005) indicamos a relação entre a profissionalização da migração, por meio de estruturas organizadas de envio de emigrantes e uma inserção diferenciada no mercado de trabalho. Indicávamos que talvez esse processo tivesse relação com a estrutura montada em Valadares para o envio de emigrantes para os EUA, que depois teria sido direcionada para Portugal. Naquele momento especulamos que esse tipo de processo teria implicações para a construção de identidades brasileiras em Portugal, em contraposição aos processos que descrevemos em 2003, a partir de etnografia realizada na cidade do Porto.

Este artigo, de fato, comprova essa diferença substancial, demonstrando que esses brasileiros articulam uma identidade focada numa “invisibilidade militante”. Se antes (Machado 2003) víamos os brasileiros se inserindo por uma espécie de “mercado do exótico”, vemos entre os valadarenses exatamente o oposto, uma busca pela discrição. Outro artigo (Machado e Reis 2007) tratava de mapear como Portugal transformou-se numa alternativa efetiva à emigração para os EUA, estabelecendo uma tipologia de motivos que explicam essa virada, mesmo que o destino norte-americano continue a ser o preferido.

O presente artigo procurou complementar aquele de 2007, apresentando, para além das motivações que explicam as decisões por um destino ou outro, algo da experiência de vida desses migrantes em solo português. A dinâmica que aqui encontramos refere-se de forma sistemática àquilo que analisamos em dois outros artigos (Machado 2008 e Machado e Almeida 2007): a importância da família na constituição dos fluxos, das decisões e das formas de vivenciar a imigração em solo estrangeiro. Temos notado uma reorganização tensa das formas de constituição da família em Valadares, atravessadas pela experiência da migração. Essa reorganização modula a relação de filhos e pais, esposos e esposas separados pela emigração.

Trazemos agora informações mais precisas sobre como a questão da família e do retorno, mediada pela remessa de recursos, influencia a forma de estar em Portugal: vimos que o compromisso firme com parte da família que ficou implica em tornar-se “invisível” e em evitar uma experiência de socialização entre imigrantes brasileiros. Poderíamos dizer que se busca uma solidão compulsória, como estratégia de acumular mais recursos e abreviar a volta. Por outro lado, aqueles que têm laços menos intensos, permitem-se um tipo de socialização discriminado como “inconseqüente” pelos valadarenses em Governador Valadares. Inconseqüente porque dificulta o

.....
¹¹ Alguns desses artigos estão disponíveis na rede internet. Cf. www.ufscar.br/~igor.

acumulo de recursos e desestimula o imigrante a trabalhar em dois empregos, por exemplo. Ou seja, as opções de trabalho do imigrante em solo português são condicionadas pela forma como um projeto familiar é constituído ainda em Valadares. Como demonstramos em artigo mais recente (Machado 2008), pode-se afirmar que os mecanismos de constituição de núcleos familiares em Valadares explicam muito do que acontece em solo estrangeiro, seja Português ou norte-americano.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, G. (1999). Estar aqui..., Estar lá... Uma... cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: Reis, R. & Sales, T. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Ed. Boitempo, p. 125-166.

BERNARD, H. (2005) *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach*. 4ª ed. Lanham, AltaMira Press.

CBL. (2007). A 2ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998-2003): estudo de opinião aimigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – informação estatística e elementos de análise. In Jorge Malheiros. (Org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P).

FLEISCHER, S. (Org.) ; Martes, A. (Org.) (2003). *Fronteiras cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. 1. ed. São Paulo, SP, Paz e Terra.

FUSCO, W. (2001). Redes Sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: Castro, M. G. (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*, Brasil 2000, Brasília, p. 427-445.

KAWAMURA, L. (2003). *Para Onde Vão os Brasileiros? Imigrantes Brasileiros no Japão*. Campinas, ed. Unicamp, 2ª edição.

MACHADO, I. (2003) *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, Campinas.

MACHADO, I. (2004). Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. *Lusotopie* (Paris), Paris, v. 2004, n. 1, p. 121-142.

MACHADO, I. (2005). Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento: o caso dos brasileiros em Portugal. *Ilha*. (Florianópolis), v. 7, p. 187-212.

MACHADO, I. (2006). Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. In *25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2006, Goiânia. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, v. CDROM.

MACHADO, I. (2008). Hierarquia das fronteiras e o ponto de vista etnográfico. In: *26ª reunião Brasileira de Antropologia*, 2008, Porto Seguro. 26ª reunião Brasileira de Antropologia, v. 1.

MACHADO, I. e Almeida, A. (2007). A distância dos filhos. Reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração. *Travessia* (São Paulo), v. XX, p. 26-32.

- MACHADO, I.** e Reis, E. (2007). Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa*, v. 16, p. 153-166.
- MALHEIROS, J.** (Org.). (2007). Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.).
- MARINUCCI, R.** (2008). Brasileiros e brasileiras no exterior. Apresentação de dados recentes do Ministério das Relações Exteriores. Artigo disponível em http://www.csem.org.br/2008/roberto_marinucci_brasileiros_e_brasileiras_no_exterior_segundo_dados_do_mre_junho2008.pdf.
- OLIVEIRA, S.** (2006). Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal in Machado, I. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos, Edufscar.
- PADILLA, B.** (2006). Integração dos imigrantes recém-chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades, in Machado, I. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos, Edufscar.
- PEIXOTO, J.** e Figueiredo, A. (2006). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In Machado, I. (org.). *Um mar de identidades: A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, EdUFSCar.
- PISCITELLI, A.** (2008). Sexo Tropical em um país europeu: migração de brasileiras no marco do "turismo sexual" internacional. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, p. 13.
- PONTES, L.** (2004). Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa. Machado, I. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos, Edufscar.
- REIS, R.** (2004). Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55.
- ROSSI, P.** (2007). Remessas de Imigrantes: Estudo de caso de brasileiros em Portugal. In Malheiros, J. (Org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.).
- SCUDELER, V.** (1999). Imigrantes Valadarenses no Mercado de trabalho. In: Reis, R. R. & Sales, T. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Ed. Boitempo, p. 193-232.
- SOARES, W.** (2002). *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese (Doutorado em Demografia) - UFRJ, Rio de Janeiro.
- SOARES, W.** (1999). Emigração e (I) mobilidade residencial: Momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. In : Reis, R. R. & Sales, T. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo,, Ed. Boitempo, p. 167-192.
- SPRANDEL, M.** (2006). Brasileiros na fronteira com o Paraguai. *Estudos Avançados*, v. 57, p. 137-156.
- TECHIO, K.** (2006). Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em um restaurante na Costa da Caparica, in Machado, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos, Edufscar.